N.º 32 (154) — 3.º ANNO

Terça-feira, 20 de Junho de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Entrada solemne

Zé. — O' pequena, eu vejo por aqui a mesma matrona que era antes de tu vires.

Rep. — Não, é que as lentes estão sujas e por isso não vês claro.

Zé. — Mas se tivesses limpo esta porcaria não tinhas agora illusões d'optica.

O PARLAMENTO

A verborrheia nacional teve sempre um fito: não dizer o que pensava, ou por conveniencia ou por o não fazer. O certo é que o parlamento portuguez onde raras fulgurações de brilho oratorio appareciam ás vezes, era, até ha poucos annos uma immensa caixa de musica, com varios discos, sédiços, velhos e monotonos a começar pelo «discurso da corôa» e a terminar na sacramental phrase: «os senhores deputados que aprovam, fazem favor de se levantar». De resto quem eram os deputados? Os seus eleitores conheciam-nos?.

Assim, assim. Eram o seu patrão, o proprietario, o amigo do regedor. Que vinham fazer?

Zelar os seus interesses. Vinham apoiar em nome do povo.

E, é assim que, quando a feição bem democratica entrou no parlamento pela bocca do Affonso Costa, Paulo Falcão e Xavier Esteves, a rotina dos paes da patria, estremeceu, abriu os olhos do somno parlamentar e ficou aterrorizada. E no entanto, sereno e galantemente, o

dr. Affonso Costa em 19 de Junho de 1911, com grandes vantagens para o regimen offerecia nas côrtes... o derrubar das instituições. Foi a pilha electrica; era preciso guerrear a entrada lá dos perturbadores da quietude nacional.

Era preciso continuar, tranquillamente, a comer á meza do orçamento, com serviço por lista, e bradar sem perigo: «Salta uns 150 contos para a sr.ª D. Maria Pia»! como quem brada n'um restaurant; «salta um bife com ellas, bem passado»!

Depois, o parlamento começou a chamar a attenção nacional. E', que lá acharam-se sempre uns 4 diabos de magica, com a voz forte e denotando força na voz que aterrorisavam o caduco regimen. A torto e a direito se consultava o regimento, ... chegando, até o regimento... de infanteria 5 de guarda ás côrtes a ser tambem invocado por um d'esses diabos. *Era Antonio José d'Almeida: «Soldados! Lembrai-vos que sois cidadãos. Vamos para a revolução. Com essa meia duzia de bayonetas e com a minha voz, attravessando a cidade, poderemos fazer o resgate d'um povo inteiro, promovendo a gloria d'uma patria nova!»*

Foi a 20 de Novembro de 1906. Com este choque rude, o rei chique estava em cheque. A lista civil augmentava e o serviço por lista de adeantamentos dos tempos antigos já tinha pratos novos. Era Affonso Costa que pedia: cabeça de Carlos 1.º com molho de tomates! como quem pede cabeça de porco:—«Por muitos menos crimes que os commettidos por Carlos 1.º rolou no cadafalso em França a cabeça de Luiz XVI».

A maioria em massa já não era uma massa inerte; estava de prevenção; com aquelles 4 via Braga por um canudo e é assim que ainda a 20 de Novembro do mesmo anno se vê apostofrada em massa por Alexandre Braga quando este defendia o seu collega Costa. Saltam-lhe á carga, tiram-lhe a palavra, dão lhe «fóras», ameaçam-no de punhos fechados e elle puchando os punhos magestosamente, serenamente, vibrante, como as palavras da consciencia a martelá-los, arruma-lhes esta dose: «A administração monarchica em Portugal está definitivamente julgada. O chefe da quadrilha *recebe adeantamentos, por baixo da mão, n'esta Falperra de manto e corôa». Ai filho que tal dissesse; recorre se ao regimento e pede se ao orador para retirar a phrase, porque emfim, aquillo não é proprio d'um mancebo da sua edade e elle replica-lhes:*

«Já disse á Camara: aquillo que uma vez affirmar não o retiro, sejam quaes forem as consequencias que d'ahi me advenham. E pensou: Para retiro... basta o «retiro dos Pacatos». Foi a unica vez que sahiu da sala, como um rei; acompanhado de guarda d'honra.

João de Menezes *era o piadista; levando o regimen para o campo da piada, rastejava-o pelas ruas da amargura, n'uma troça que ridicularizava a camara ostentando-se altivo na «Lucta» com os seus collegas.*

A Camara baqueava. Com a Camara o regimen.

Na Camara Municipal imperava a democracia com Braamcamp Freire, Affonso de Lemos e outros.

No exercito, na marinha os nomes dos mais intellectuaes eram republicanos; nada restava ao regimen senão jogar a ultima partida. Mas as cartas appareceram na mão do Affonso Costa e a partida effectua-se na Ericeira.

*

Com a mudança d'instituições tem de mudar os costumes. O Parlamento tem de ser o que nunca foi.

Não é só ir lá, como succede com Sá Pereira e Alfredo Ladeira, representantes de classes novas e eleitos do povo que o povo conhece. E' preciso trabalharem e é assim que nos consta haver nos varios programmas dos deputados por Lisboa, verdadeiras innovações para aquella casa. O sr. Machado dos Santos tem um projecto de constituição, com uma revolução annual em outubro, assignada por 40 cabos de artilheria que querem ser promovidos.

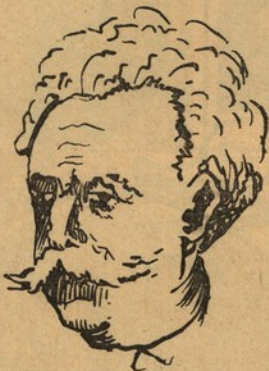
O capitão Palla pede para lhe mudarem o nome afim de não dizerem ser Palla que esteve na Rotunda.

O sr. ministro da marinha tem no seu programma criar um arsenal em Evora e outro em Bragança. O sr. ministro interino da justiça conta fundar um asylo de protecção aos bispos desvalidos e sem pensões. O sr. ministro do Interior tem a propor que se arranje um quadro de empregados publicos para os antigos monarchicos.

O sr. Camacho immensas reclamações de sabonetes macacos, pentes, aguas potaveis etc., mais materiaes de limpeza. O sr. Theophilo Braga, a creação d'um lo-

gar... para o seu guarda-chuva.

Junto a estes nomes que o povo conhece pelos seus factos, pelos seus actos e

pela sua vida de incançavel combate,

ha outros como Magalhães Lima, Alfredo de Magalhães, enaltecidos pela palavra fluente de extreminadores da monarchia; outros como Luz d'Almeida,

Parreira, Carlos da Maia consagrados pela revolução; e ainda outros como

José Barbosa e Botto Machado pelo trabalho sempre honrado e proficuo em prol do grande povo.

De todo o paiz o cerebro que germina todo o intellecto ao serviço do povo, alcançou agora a altura que a monarchia abafava por conveniencia. O paiz e todo o mundo tem os olhos fitos no que será o grande passo da Constituição da Republica, filha do seu esforço.

E, é preciso mostrar-lhes que hoje, não como hontem se não vai para lá pensar em comer, e o dinheiro não sairá dos cofres do estado a pedidos de adeantamentos assim como quem bráda: «Salta, um bife do lombo, bem passado na grelha» ou «venham trez iscas com ellas».

Fulano de Tal.

Affonso Costa

Encontra-se, felizmente, já em franca convalescença, o incansavel ministro da justiça, que uma grave enfermidade retinha ha muito no leito, como se a doença impertinente quizesse fazer pirraça a todos os bons republicanos, que tanto admiram e presam este nosso querido amigo.

«O Zé» felicitando-o, felicita-se, fazendo os seus mais ardentes votos para que em breve o vejamos, de novo, no seu posto de honra, onde o bem-estar da Republica o chama, tanto mais que a reacção começa agora movendo os cordelinhos para que algumas alterações sejam feitas na lei da separação do estado das egrejas.

— Ai visinha, visinha, que vergonha!

— O quê?

— Aquelle caso do senador hespanhol que estava a fallar e deixou descahir as calças e as cerolas!

— Ora, ainda agora a visinha vem com isso!

— Ora essa! Não foi ha muito tempo e olhe que não se falla n'outra coisa...

— Mas não é novidade nenhuma. A novidade agora é a abertura do Parlamento. Ora quando nós temos aberto já o Parlamento onde iremos ver o deputado por Leiria, nem merece a penna perder tempo a fallar nessas coisas...

— E' que nunca se viu tão grande pouca vergonha?

— Nunca se viu?

— Claro que não!

— Bem se vê que a visinha tem visto muito pouco...

— Pois sim, mas uma coisa d'aquellas em pleno Senado...

— Ora adeus! Coisas d'essas teem acontecido a cada momento...

— Isso é que não! Nunca se ouviu fallar em tão grande immoralidade...

— Isso é a visinha que é surda. Eu estou farta de ouvir e até de ver...

— De ver? Ai, credo, mãe do ceu!

— Não se espante mulher que não tem de quê. Ainda eu era muito pequena e já via todas as manhans, quando ia para a modista, o frontão da Camara Municipal...

— Ah, isso é outra coisa. Pedra é uma coisa e carne é outra. Este caso de agora até offendeu a santa religião de Deus.

— Offende Deus? A visinha não está bôa da cabeça!

— Porquê?

— Então Deus, pôs no Paraizo Adão e Eva nus em frente um do outro e offendia-se agora por coisa tão pequena?

João d'Alem.

No «Ao correr da fita» passado onde se lê — d'aqui até lá não me dôa *a mim* a cabeça — façam obsequio de ler simplesmente — d'aqui até lá não me dôa a cabeça.

O Poema da Rua

XVI

Em que o auctor desperta, indo alta a lua, e, vendo se n'uma cova de alguma profundidade, arranca do peito estes cavos gemidos que os éccos repetiram assim:

Ai!... Ai!... Ai!... O' da guarda! Quem me acode!
Acabo de cair na sepultura.
Um poeta que tomba, um desgraçado!
Oh! que destino o meu! que desventura!

Tenho o pobre nariz a verter sangue,
Sinto no corpo horriveis contusões.
Cheira aqui mal;—Oh ceus!—dóe-me a cabeça!...
Não estarei n'uma cova de ladrões?...

O' minha mãe idolatrada e qu'rida,
Que deixei lá em casa a fazer meia,
Corre a salvar-me, estende-me os teus braços.
Que te guie no caminho a lua cheia.

Poetas do meu tempo, ó camaradas!
Salvae-me vós, que eu morro sem vintem.
Ai tende compaixão d'um desgraçado!
Que sorte a minha!... E não me acode alguem!!...

O' tu que vaes entrar na Academia,
O' eminente, ó excelsa maravilha,
Estende-me o teu queixo collossal,
Que eu monto n'elle, e salvo-me, ó Sevilha!

«Lasciate ogui speranza, voi che entrate»!
Dante, aqui vou gravar tua inscripção.
Entrei n'este buraco do inferno
E esp'ranças de sair não tenho, não!...

Vae alta a lua! na mansão da morte
A meia noite com vagar soou;
E um poetastro aos berros n'uma cova,
Já espirra e tosse, pois se constipou...

O' multidão ignara! és tu que deixas
Morrer assim um pallido poeta?!...
Maldita a hora em que peguei na penna!
O' multidão,—Jesus!—como és pateta!...

Olha que eu tinha um livro preparado
Erguendo á Natureza heroicos hymnos;
E tinha outro no peito, em que cantava
As cenouras, as couves, os pepinos...

Tinha uma peça, em verso todo coxo,
Que havia de subir no Nacional;
Eu deixo uma conf'rencia intitulada
«A saia travadinha em Portugal».

Deixo umas botas altas com dez furos,
Que ia por no Musêu da Revolução;
Deixo um romance em verso... O' meus amigos,
Assim me abandonaes?— que ingratidão!...

Rapazes, se morrer e algum de vós
Me quizer ir traçando a biographia,
Diga ao mundo que eu era «um pyrilampo»
«A refulgir no céu da Poesia»...

Póde chamar me, até «mimoso vate»,
O cantor das Elviras mais da Lua,
Que morreu n'uma cova mal cheirosa
Cantando as porcarias que ha na rua.

....

Ai!... Ai!... Ai!... O' da guarda! Quem me acode!
Pois morro assim tão novo, ó mocidade?!
Quem me acode! Caramba, que egoismo!
Vem tu salvar-me, ó torpe humanidade!...

Pardielo

É só o que falta,

Considera-se debelada a febre amarella na Guiné.

Agora falta apenas debelar a febre azul e branca dos conspirateiros.

HOMENAGEM AOS DEPUTADOS POR LISBOA

DECRETOS
LEIS
E
PROJECTOS
PAX
LEX

SILVA E SOUZA

DUMAS

1. Dr. Theophilo Braga — 2. Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes — 3. Anselmo Braamcamp
4. Capitão de mar e guerra Ladislau Parreira — 5. Dr. Antonio José d'Almeida
6. Dr. Bernardino Machado — 7. Capitão tenente José Carlos da Maia — 8. José Barbosa
9. Dr. Affonso Costa — 10. Dr. Magalhães Lima — 11. Luz d'Almeida — 12. Dr. Alfredo de Magalhães
13. Capitão Affonso Pala — 14. Tenente Machado dos Santos — 15. Dr. Affonso Lemos
16. Sá Pereira — 17. Dr. João de Menezes — 18. Alexandre Braga — 19. Alfredo Ladeira
20. Botto Machado

Casos bicudos

Sae «O Zé», hoje, em dia solemne.

Abrem as Cortes. Os representantes do povo vão coçar as calças nas cadeiras e os cotovelos nas carteiras.

Tudo nos leva a crêr que problemas transcendentaes se hão-de discutir e resolver.

O Parlamento para muita gentinha bôa é o Messias da situação. E' elle que ha-de vir salvar a patria encravada. Esperava se tudo do governo provisorio, agora passa se a esperar tudo da Constituinte.

— Que irá sair d'alli? — perguntamos nós agora, como ha tempos perguntava um «Zé-Povinho n'uma das nosas paginas, com um ponto de interrogação ao fundo.

Muita coisa bôa, ha-de sair.

Só projectos de constituição, ha mais de quinhentos á escolha, que até parece um grande saldo de retalhos do Grandella. E olhem que todos elles, mettem presidente...

Lá sem rei da republica é que se não pode passar.

Os jornaes da panelinha, os serios, os de grande circulação, lá andam tratando do caso, a impor o presidente, a inpinjil-o quasi á força, preparando a opinião publica, para o gramar sem dar por isso..

Effectivamente um presidente é coisa sem a qual se não pode passar...

Vocencias não veem a bella obra que a republica tem feito? Quem foi qne separou a egreja do estado, quem foi que aboliu a decima nas casas baratas, quem foi que publicou o decreto extinguindo o monopolio do pão?

Foi o senhor presidente da republica portuguesa!...

Ora já veem que sem presidente, Portugal iria á vella!

Sem um cavalheiro a ganhar os seus contositos por anno e a occupar um bello palacio, nós estavamos encalacrados! Por isso, somos de opinião que deve haver um presidente, mas um presidente fino, com casa militar e civil, com grande e theatral espalhafato, tal e qual como um rei, sem tirar nem pôr.

Hade morar n'um grande palacio, e dar lindas recepções e doiradas festas;ha-de servir chá aos jornalistas e «champagne» á «democracia», para que ella ande de chapeu ás trez pancadas e se esqueça das miserias do mundo; ha-de realisar grandes bailes, para que a «Egualdade» dance com a «Fraternidade» emquanto a «Liberdade» é atropelada no torbilhão das valsas.

O' meninos não se esqueçam do presidente não? Tomara o a gente já cá para lhe caricaturar-mos a «fuça», e estar-mos a dizer a toda a hora:

— Bolas p'ró presidente!
— Sebo p'ró presidente!

* * *

«Entre a Bahia e Pernambuco, Paulo Moniz levou ao conhecimento do tenente Mendes, que um grupo de marinheiros que iam no porão da prôa preparavam uma revolta. O tenente Mendes não teve duvida. Ordenou que fossem todos conduzidos ao tombadilho e ali soffressem o castigo das cordas e esperassem a solução breve para o caso, pois ia providenciar!

Depois do supplicio da corda, em que o corpo dos infelizes começou a sangrar, dada a maneira porque eram martyrisados, nús da cintura para cima, os marinheiros esperaram a tal «solução do caso».

Essa foi dada ás 12 horas da noite, sendo todos elles fuzilados e os seus corpos atirados em seguida ao mar.»

Declaracões prestadas pelo deportado Benedicto Collares ao jornal brazileiro «Correio da Manhã».

Este bocadinho que qui vos dou, é de ouro caros leitores e baratas leitoras.

A liberdade, a egualdade e a fraternidade anda pelo Brazil a fazer das suas. Dezoito dos revoltosos da Ilha das Cobras, morreram encarcerados, á falta de pão, de agua e de ar.

Doze presos dos setecentos homens e cincoenta mulheres, que n'uma premiscuidade infamante, foram atirados para bordo dum navio, morreram fuzilados, porque um homem os foi denunciar de conspirantes.

Não comentamos porque... não temos tempo, e não queremos fazer chorar os leitores d'um jornal humoristico. Copiaremos, simplesmente, mais este bocadinho:

«Elle, (um dos fuzilados) impassivel, recebeu cinco tiros no peito, sem deixar tombar o corpo. Apesar do movimento do navio, apesar da commoção da scena, um só esgare, um só desvirtuamento dos seus traços physionomicos não foi notado. De pé, cabeça levemente cahida para o lado esquerdo, morto e de pé, ficára o marinheiro fuzilado.

Passaram-se os primeiros instantes. Antes que qualquer movimento de dó, de commiseração, dominasse a escolta, o official ordenou nova descarga. E cinco tiros outra vez partiram.

O corpo, então, pesadamente cahiu.

Agarraram-n'o e, sem mais tardança jogaram-n'o n'agua!»

Passou-se isto na republica brazileira. Não sabemos que contas deu á justiça, o autor d'esta deshumanidade. Mas sabemos que o responsavel pelas mortes da Ilha das Cobras, se banqueteia junto do chefe do Estado.

Que o pae Theophilo nos livre d'uma «democracia desta força!

* * *

Querem vocelencias ler bocadinhos de ouro? Façam favor pousem os vossos olhos mesiricordiosos sobre estes trechos da «Lanterna magica» dos «Ridiculos».

Leiam, e vejam se os entendem.

«Se os homens da Republica são bem intencionados, aquelles (os conspiradores) tambem o são.

Estão em erro, coitados, divergem d,isto, acham que isto não vae bem, que não é assim, que a patria não é feliz, e por isso querem a guerra.

Pois a boa politica é fazer-lhes ver que estão enganados, que isto vae bem, ou pelo menos se trabalha para isso, que todos estão satisfeitos, que o regimen agrada, e que se não está por ora á vontade d'elles e de muita outra gente, ha de vir a estar com os tempos.»

Agora mais este pedacito:

«Dando tempo ao tempo, e com paciencia, a Republica ha de vir a ser ao geito e ao gosto dos refilões que estão lá fóra a rosnar, e que hão de voltar em paz, todos para os seus lugares, para os seus misteres, para bem servir a patria, que é de nós todos, e que, coitadinha, não tem culpa de nada.

A lei da Separação escamou os catholicos, «offendeu» as crenças de muitos? Pois teem razão? Mas o seu auctor está quasi restabelecido, é um homem de grande talento, de grande energia, e por isso mesmo de grande transigencia!

Que bem que elle falla!

No seu entender os conspiradores são bem intencionados como são os homens da republica!

O dr. Affonso Costa offendeu as crenças mas é homem de grande «transigencia», e isto ainda se ha-de por á vontade dos conspiradores, ao gosto dos Couceiros e Cabraes que são thalassas até á raiz dos cabellos!!

Que fallas tão doces...

❦

Epigrammas

(De *Viu-se Grego*).

XI

Ha coisas extraordinarias
N'este mundo tão adverso,
Onde ha mulheres tão varias
E tanto amigo perverso.

Como sabe o Sarmento
Foi damnado por mulheres,
E sendo apenas *sargento*
Fazia-lhes pé de *alferes*...

Pois agora que casou,
E mais um posto apanhou,
(Vê tu a sorte cruel
Que pode esperar a gente...)
E' *alferes* simplesmente
E faz seu pé de *cor'nel!*

❦

Será este?

Ha dias em annuncio em «O Seculo» offerecia se alviçaras a quem dissesse onde estava um cão que fugira, e era grande e amarello, chamado Czar.

Nós não temos faro, mas se é um que morde muito nas pessoas indefezas, um cão grande e amarello, sanguinario e cruel, apostamos que está na Russia.

Pelo menos dá pelo nome de Czar.

Um antropophrago

Como curioso, como aviso ás pessoas gordas que podem ir ao Porto, e para que se veja que ainda ha pessoas que se comem umas ás outras, recortamos d'*A Montanha:*

«Francisco Pereira, sapateiro, pretendeu, hontem comer parte da mão direita de José de Lemos.

Já antes d'isso o canibal, pretendera com a faca do officio, cortar alguns bifes do *assem* de varias pessoas.»

❦

Segue a dansa...

Um comboio matou uma criança em Azambuja; um electrico abalroou em Bemfica com um automovel...

E dizem que o progresso não caminha a passos de gigante!

Cada patada esborracha trez!

Do *Seculo*:

31-Julho
Abatido. Podendo
escreve. Beijos.

Não faças esse serviço
Todo o dia sem parar,
Porque eu cá nunca fui n'isso
De estar sempre a dar, a dar.

Acceita, pois, o conselho
Que não tens mais arrelias:
Uma vez... e viva o velho
Que esta vida são dois dias...

*

Do *Mundo:*

Hera
Pódes vir, sem
receio. Tua
Laura.

Quem me dera, dera, dera
Nas bellas tardes de v'rão
Enrolar-me como a hera
Nos braços d'este peixão...

E depois sentindo amor,
Mais damnado de que o Maura
Se ella fizesse um favor
— Dáva um beijinho... na Laura!

Iris.

❦

Olha que desgosto!

Os porochos do Porto resolveram recusar as pensões.

Elles lá sabem as linhas com que se cosem, e as massas com que se abotoaram...

❦

OLÉ!

Diz uma gazeta que a policia quando vê zaragata até se evapora.

Tambem nós conhecemos muitos *tesos* que se evaporaram quando estalou a bernarda!

Agencia de publicações

—Os nossos amigos srs. A. Dias Pereira & C.ª, proprietarios da importante Agencia de Publicações, da rua do Laranjal, (Porto) e agentes d'O Zé n'aquella cidade acabam de instalar-se em condicções magnificas nos baixos e no primeiro andar do predio 127 e 128 da praça da Liberdade, onde esteve por muitos annos a relojoaria Girão.

A loja foi transformada n'um lindo esbelecimento para venda de tabacos e loterias, boquilhas, cigarreiras, carteiras, perfumarias das mais afamadas casas estrangeiras e nacionaes, jornaes, revistas, postaes illustrados, etc. etc. E' um estabelecimento completo no seu genero, e está installado em condicções de aceio e bom gosto admiraveis.

A Agencia de Publicações fica no 1° andar, montada tambem por modo a facilitar a rapida expedição dos serviços.

Dada a competencia proficional dos dois socios da firma, é de prever um rapido desenvolvimento da empreza que aquelles nossos amigos agora augmentaram consideravelmente.

Não lhes parece?

Um dos cidadãos que acompanhou o ministro do interior a Valença foi o sr. Ramos da Paz.

Ramos da Paz deve ser Ramos de Oliveira, pois não acham?

Somma e segue...

Lá se deixaram roubar os santos das egrejas de S. João de Loure, Angela, Femelã e matriz do Eixo!

Decididamente os tolos dos santos estão com pouca sorte!!

"Collecção theatral"

Deve sahir brevemente esta interessante e original collecção de producções theatraes, que o nosso amigo A. Rocha (Loreno) sabe escrever, com aquelle dedinho de graça especial, que elle tem para o genero theatral.

Como custa sómente a ninharia de trez vintemsinhos, estamos certos que muito caro leitor e muita gentil leitora, os dispensarão de boa vontade, para adquirir a engraçada collecção.

Ora a serodia!

Acha a *ginga* da *Nação* que o logar da mulher é em casa a tratar dos filhos, e não no parlamento, a não ser que sejam eleitas para pontear o fato aos deputados.

Ora o estupor da velha a querer fazer-se engraçada! E porque não vae ella deitar remendos no fato dos casmurros miguelistas?!

O ZÉ no theatro

Ah, compadre isso lá não. A gente vae ao Moderno vêr o «Sem Rei nem Roque» que tem carradas de pilherias, mas carradas d'aquellas grandes como ha lá p'ra nossa terra...

—Isso não. Hoje vamos ao *Colyseu dos Recreios* que todos dizem ter agora uma companhia que leva cada peça que nem aquellas que da Rotunda fizeram borrar-se todo e fugir o maluco do Paiva Couceiro.

—Eu bem sei que o «Sonho de Valsa, «Conde de Lexemburgo» e outras havemos de ir vêr, mas hoje não quero. Puchame hoje o geito para a revista. Olhe compadre vamos ao *Variedades* que a modos ha lá um pó de Per... per... per não sei que...

—Perlimpimpim...

—Isso, que faz rebentar a rir.

– Rebentar por rebentar antes ali no *Rocio-Palace* a vêr o «Tarde piaste» que sempre é mais perto da morgue...

—Com essa matou-me você.

(Um civico intervindo)—Os cavalheiros dão-me licença...

—Faz favor.

—Peço a V.ª Ex.ªs que não propalem boatos terroristas.

—O quê?

—Que diz elle?

—Os cidadãos falaram em ir para a morgue e n'outras coisas.

—Não faça caso, a gente o que quer é divertir se.

—Homem não sabemos onde havemos de ir esta noite.

—Já corremos sem andar, todos os theatros e nenhum agrada a nós ambos os dois.

—Teem ainda V. Ex.ªs magnificos animatographos com ou sem variedades.

—Como as iscas com ellas ou sem ellas...

—Isso, e tambem mais ou menos apimentadas. Com ellas tem á escolha o *Salão Foz*, *Salão dos Anjos*, *Salão Loreto*, e *Paraizo de Lisboa*.

—Mas que data d'elles.

—E só lhe citei os *pacholas*. Agora sem ellas tem o *Olympia*, *Chiado Terasse*, *Central*, *Salão da Trindade* na feira o *Cine-Palais* e *Chantecler-Chalet*.

—E' outra data.

—Tambem não citando os «rebentados».

—Ah! Então esses são aquelles a que uma pessoa pode ir certa de vêr bellas fitas...

—E é que ás vezes tambem vae na fita...

—Pois olhe já nos enrolou na fita. Vamos ao animatographo. Oh! compadre aqui o sr. civico é que nos vae dizer a onde havemos de ir, hein?

—Pois diga homem que é p'ra gente não têr mais discussões...

—Olhem: vão á primeira sessão do Foz, á segunda do Olympia, á terceira do Chiado-Terrense e depois ficam a chorar por mais.

(Um sonho do

Zé Pimenta.)

Antonio Santos

Se de todos os santos é o Antonio que mais milagres faz, de todos os Antonios é o Santos o que os excede.

Sempre á cata de novidades para encher a sua avantajada barriga... que é o Colyseu, quando lhe pedem para citar as celebridades que elle cá traz, elle «cita... di Firenzi» ou Maria Galvany com quem Galvanisa o publico. Sendo ella a «favorita» da nossa platea, com mais um bom tenor, «pega n'ella» o publico enthusiasmado e aplaude o commendador, rei dos magicos como o *Raymond*.

Maçon, desde «little... Walter», a sua casa está sempre ás ordens para sessões solemnes, tratando-se é claro de combater o «Roi... Talma o Bosco.»

Outras vezes, t az-n'os companhias de pequeninos com seductoras raparigas que o publico, «adora... Theor» modificando um velho ditado para: quem se mette com creanças amanhece... aplaudido.

Depois, em summa, com o «Jiujitsu» elle «lucta» para que o «summo» da gloria seja o recreio do publico vendo os lutadores baterem com o «Raku» no chão.

E, depois de nos apresentar á pouco uma boa «fatia... Miris» vai sem «dó... nini» nem piedade trazer-n'os uma companhia Italiana de opereta.

O sucesso é grande; o publico aplaude, os artistas agradecem e n'um camarote de bocca diz o Santos:

Operetta, operetta
No Colyseu;
Quem cá a trouxe
Fui eu, fui eu.

A. F.

Sport furioso

O abalroamento do electrico e do automovel foi motivado por irem rua fora ao desafio, a ver qual chegava primeiro.

A camara ha-de fazer o obsequio de estatuir premios para os vehiculos que andarem mais depressa pela via publica...

Para os que andarem mais depressa... e matarem mais gente!

— O maldito ainda meche?!

— Não ouço *nanjo,* se calhar já deu a alma ao diabo.

— Mas que partidão que vamos tirar com os papalvos dizendo-lhes que foi castigo de Deus por causa da lei da separação.

Aff. — Então a minha morte era uma mina para a *santa madre* hein, seus intrujas da humanidade?!